

Mia Couto e o futebol: um olhar para Moçambique

Mia Couto and the Football: A Look at Mozambique

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Germanística, Freie Universität Berlin
emcor@uol.com.br

RESUMO: Este artigo propõe uma análise de contos e crônicas de futebol, escritos e publicados pelo escritor moçambicano Mia Couto. Em tais textos, Mia Couto procura construir uma imagem da sociedade de seu país, evidenciada a partir de uma de suas manifestações culturais mais intensas, materializada na paixão pelo futebol. Embora a história do futebol em Moçambique remonte ao período do colonialismo português, mesmo a partir da Independência do país, o esporte bretão se faz presente com toda a sua força. Assim, a partir do futebol enquanto tema, Mia Couto evidencia, literariamente, mazelas existentes na sociedade moçambicana na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mia Couto; Literatura e futebol; Contos de futebol; Crônicas de futebol; Moçambique.

ABSTRACT: This article proposes an analysis on football tales and chronicles, written and published by Mozambican writer Mia Couto. In such texts, Mia Couto seeks to build an image of his country's society, evidenced from one of her most intense cultural manifestations, materialized in its passion for football. Although the history of football in Mozambique goes back to the period of Portuguese colonialism, even after the country's independence, football is present as its full strength. Thus, based on football as a theme, Mia Couto shows, literarily, the questions that exist in Mozambican society today.

KEYWORDS: Mia Couto; Literature and Football; Football Tales; Football Chronicles; Mozambique.

INTRODUÇÃO: MIA COUTO E O FUTEBOL

O escritor moçambicano Mia Couto (António Emílio Leite Couto) é um dos maiores expoentes da literatura de língua portuguesa na contemporaneidade, reconhecido em seu país e no exterior como um dos intelectuais mais atuantes do mundo lusófono, e vencedor do renomado Prêmio Camões, em 2013. Biólogo de formação, em entrevista concedida à *Revista Fórum*, em 2015, Mia Couto utiliza a metáfora do organismo humano para poder pensar a perenidade das fronteiras:

Acho que a nossa reação contra o medo é ver a fronteira como uma linha de defesa, enquanto a vida faz fronteiras que são vivas. As fronteiras de nossas células se fecham, mas também são permeáveis e fazem trocas permanentemente com o que é diferente. O fora e o dentro fazem parte de uma transação que constrói a vida. No nosso caso, o que se está a tentar erguer é, dentro da muralha da identidade, só ter espaço para aquilo que é igual, aquilo que é visto como essência. Esse é o grande perigo.¹

Nossa contribuição visa, justamente, a pensarmos sobre a presença do futebol na obra de Mia Couto como um modo de olhar para a cultura e a sociedade moçambicana. Para isso, tomaremos por base uma entrevista, uma crônica e dois contos publicados pelo escritor, em que o tema do futebol se faz presente, pensado dentro de processos de transculturação e de transformação para além das fronteiras geopolíticas do mundo de língua portuguesa. Para isso, orientar-nos-emos pela noção de transculturação, conforme proposta pelo sociólogo Octavio Ianni, baseado em Bronislaw Malinowski, “um processo transitivo de uma cultura a outra”:

[...] Uma formação imprecisa e indecisa, evidente e presente, na qual se expressam instituições e ideais, modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar próprios de um horizonte mundial. Sem prejuízo de tudo o que pode ser local, tribal, nacional e regional, também se desenvolvem os desafios e os horizontes que se produzem com a transculturação que corre pelo mundo. [...].²

¹ D'ÂNGELO; FUHRMANN. “O outro também está dentro de nós”, afirma o escritor Mia Couto, s/p.

² IANNI. Globalização e transculturação, p. 158.

Numa de suas crônicas, intitulada “Fintado por um verso”, Mia Couto revela o caráter memorialista como pensa a própria infância em sua relação com o futebol: “No meu bairro, o futebol era a grande celebração. Preparava-mos para esse momento, como os crentes se vestem para o dia santo. Aquele domingo era um tempo infinito. E o campo, aberto num descampado da Muchatazina, era um estádio maior que o mundo”.³ Espaço e tempo, aqui, ganham proporções que superam seus limites: o bairro, o campo, o descampado, o estádio e o mundo em um tempo infinito que se quer eterno domingo.

A seguir, a título de contextualização, faremos uma breve apresentação do futebol em Moçambique, para, então, adentrarmos em questões de interpretação dos textos que formam o corpus de análise deste breve estudo.

O FUTEBOL EM MOÇAMBIQUE: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

No estudo intitulado “Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique: uma abordagem perspectiva” (2013), Aurélio Rocha aponta para o significado simbólico do futebol no contexto da proclamação de Independência do país como elemento de representação da moçambicanidade:

Um dos muitos eventos importantes que se assinalou a independência do país foi, naturalmente, um jogo de futebol, realizado no estádio de Pemba, na província nortenha de Cabo Delgado, a 26 de junho de 1975, que opôs a primeira seleção moçambicana à sua congênere da Tanzânia, que Moçambique venceu por 3 a 2. Ao mesmo tempo que a seleção de Moçambique se afirmava, a nível internacional, como a representação de um país independente, também se perspectivava, por vias das múltiplas manifestações desportivas organizadas, um futuro promissor para todo o desporto moçambicano.⁴

Para além do próprio futebol, Aurélio Rocha nos chama à atenção para o fato de que, nos primeiros anos pós-Independência, o governo moçambicano incentivou a formação de organizações esportivas representativas: “Até 1980 estavam instituídas e em funcionamento as federações de futebol (1977),

³ COUTO. Fintado por um verso, p. 12.

⁴ ROCHA. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique, p. 215.

basquetebol (1978), natação (1978), voleibol (1979) e atletismo (1980)".⁵ Aliás, caberia, aqui, destaque especial ao atletismo moçambicano e à Maria de Lurdes Mutola, a "Dama de Ouro", em sua carreira vencedora ao longo de duas décadas, Medalha de Ouro dos 800 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000 e detentora do recorde mundial dos 1.000 metros em pista coberta e em pista aberta. E é interessante, também, que o futebol, desde cedo, esteve no horizonte de Mutola, conforme relata o jornalista Renato António Caldeira: "Tudo aconteceu de forma rápida na vida de Mutola. Após a proibição, aos 15 anos, de jogar futebol oficial masculino, pois 'desgraçava os rapazes', foi lançada pela mão do nosso poeta-mor José Craveirinha no atletismo local".⁶ Mais tarde, após encerrar a carreira no atletismo, Maria Mutola "regressou a um velho amor: o futebol. Agora joga na equipa do Germiston Luso África da liga sul-africana, com muito sucesso, utilizando o seu prodigioso pé esquerdo, a velocidade e a resistência para se destacar".⁷

Desse modo, é inegável o papel de socialização do futebol em Moçambique, sobretudo nos subúrbios das áreas urbanas. Originalmente, segundo o sociólogo Nuno Domingos, o futebol foi uma – talvez, desde o início, a principal – das modalidades esportivas que integraram a política colonial portuguesa:

[...] Nos territórios que completavam o edifício colonial português, as colônias africanas de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, as possessões indianas (Goa, Damão e Diu) e ainda Macau e Timor-Leste, os jogos desportivos modernos acompanharam o fenómeno colonial. [...].⁸

Para fundamentar sua argumentação sobre o papel do futebol na política colonial portuguesa em Moçambique, em relação a outras práticas esportivas, Nuno Domingos indica que, das 157 agremiações existentes no país em 1967, "112 tinham como modalidade principal o futebol, o que assinalava a sensível futebolização colonial".⁹

Portanto, o predomínio do futebol como modalidade esportiva, em Moçambique, possui suas origens no período do colonialismo português, como

⁵ ROCHA. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique, p. 221.

⁶ CALDEIRA. *Maria de Lurdes Mutola*, p. 3.

⁷ CALDEIRA. *Maria de Lurdes Mutola*, p. 21.

⁸ DOMINGOS. O campo de desportivização imperial português, p. 81-2.

⁹ DOMINGOS. O campo de desportivização imperial português, p. 82.

bem aponta Nuno Domingos, um dos principais estudiosos do assunto, autor da obra *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique* (2012). Nos dias atuais, essa relação com Portugal ainda se faz sentir muito presente pelo interesse que o futebol luso desperta nas ex-colônias africanas, incluindo Moçambique: “O Benfica, o Porto e o Sporting são os grandes embaixadores desta relação de proximidade, os suportes de uma memória antiga transmitida geracionalmente, que todos os dias se reproduz, demonstrando uma vitalidade que não deixa de surpreender”.¹⁰ E o sociólogo assevera: “Neste sentido, parece que, mais do que ter sobrevivido à experiência colonial, o futebol português se configura como um universo autónomo de significados que sobrevive com facilidade sem uma remissão constante para o passado”.¹¹

Sendo assim, tal interesse pelo futebol português, que se mantém por décadas em Moçambique, pode ser concretamente apreendido no próprio cotidiano da capital, Maputo, seja pelo fato de ser comum ver moçambicanos trajando camisas dos três grandes clubes portugueses em dias de jogos, seja pela busca de informações em jornais esportivos portugueses, sobretudo o jornal lisboeta *A Bola*, o principal jornal esportivo em língua portuguesa em termos de alcance e abrangência de leitores, que possui também uma edição para a África lusófona.

Desse modo, como autênticos torcedores apaixonados por seus clubes, os moçambicanos “possuem um conhecimento profundo sobre a vida das principais equipas portuguesas. Acompanham os resultados, a carreira dos jogadores, e opinam, com uma competência elevada, sobre a forma desportiva das equipas, o seu tipo de jogo, as vantagens e inconsistências de jogadores e treinadores”.¹²

Sem dúvida, como ressalta Nuno Domingos, há uma questão que ultrapassa essa relação das ex-colônias portuguesas com o futebol da ex-metrópole: o fato de o futebol ter se tornado, no continente africano, um significativo índice de identidade e de representatividade:

Como ficou mais uma vez comprovado aquando da realização do campeonato do Mundo na Alemanha [em 2006], o futebol é uma poderosa forma de afirmação africana no mundo, um momento em que o

¹⁰ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 3.

¹¹ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 3.

¹² DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 4.

continente pode competir em igualdade com os países mais poderosos, nomeadamente com as nações do continente colonizador, a Europa.¹³

Portanto, a força da presença do futebol português nas ex-colônias demonstra que a transculturação se torna uma via de mão dupla que ultrapassa fronteiras, para além dos laços coloniais do passado, uma vez que o interesse pelo futebol se torna também um modo de se construir relações identitárias e de representatividade. Segundo Nuno Domingos, seria algo que resultaria do “encontro colonial” que levaria à construção de uma “memória social incorporada” enquanto “parte importante da cultura popular urbana das cidades como Maputo ou Luanda”:

O papel do futebol português no âmbito das “memórias coloniais” está para além de uma simples rememoração de acontecimentos recuados, cuja importância é relembrada cerimonialmente. Matéria de uma memória actuante, é um património presente, apropriado, adaptado, ajustado aos quotidianos locais.¹⁴

Torna-se fundamental, também, ressaltar que, no caso específico do futebol moçambicano, a influência colonial foi marcante. Já nas primeiras décadas do século XX, clubes portugueses fundaram filiais em Moçambique, sendo que o Sport Lisboa e Benfica teriasido o pioneiros ao fundar, em Lourenço Marques, nome da capital Maputo durante o período colonial, em 01 de julho de 1916, o Sport Lisboa e Beira. Entretanto, a principal representação do Benfica seria fundada em 31 de maio de 1921, em Lourenço Marques: o Clube Desportivo. Naquela época, outro clube lisboeta, o Sporting Clube de Portugal, também marcou sua presença em Moçambique ao fundar, em 03 de maio de 1920, o Sporting Club de Lourenço Marques.¹⁵

Todavia, dentro da política colonial portuguesa, a discriminação racial também se fazia presente no âmbito do futebol, o que levaria a “uma popularização segregada” do futebol.¹⁶ As filiais dos clubes portugueses, bem como o Clube Ferroviário, um dos principais do país, fundado pela empresa colonial portuguesa Caminhos-de-Ferro em 13 de outubro de 1924, vincularam-se à Associação de Futebol

¹³ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 4.

¹⁴ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 4.

¹⁵ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 4-5.

¹⁶ DOMINGOS. Desporto moderno e situações coloniais: o caso do futebol em Lourenço Marques, p. 220.

de Lourenço Marques (AFLM), que fora criada em 14 de maio de 1932, e que, através da administração colonial, era vinculada à Federação Portuguesa de Futebol.¹⁷

Por sua vez, a própria topografia da então capital, Lourenço Marques, representaria a divisão entre os clubes vinculados à administração colonial, situados na Baixa, e os clubes africanos que foram fundados, ainda na década de 1920, nos subúrbios da capital. Estes, sem acesso à AFLM, em 1934, reuniram-se na Associação de Futebol Africana (AFA), o que gerou, portanto, duas competições distintas.¹⁸ Não obstante tal fato, segundo Nuno Domingos, gradativamente, essa divisão racial entre clubes brancos da baixa e clubes do subúrbio negro apresentou certa perenidade, à medida que alguns jogadores, considerados culturalmente “assimilados”, tinham acesso aos dois campeonatos. Todavia, até os anos 1950, quando esse quadro se alterou significativamente, foram poucos os jogadores vinculados à AFA que se transferiram para a AFLM.¹⁹ Isso se alterou com o aumento do interesse de clubes portugueses por jogadores das colônias africanas. O caso mais emblemático teria sido o do famoso jogador Mário Coluna, que iniciou sua carreira jogando pelo clube João Albasini, vinculado à AFA, transferiu-se para o Clube Desportivo, vinculado à AFLM. Aliás, em 1954, Coluna se transferiria do Desportivo para o Benfica de Lisboa.²⁰

Sem dúvida, o interesse da população de Moçambique pelas equipes portuguesas ganhou um impulso significativo com a transferência de jogadores negros e mestiços para equipes metropolitanas, como ocorreu com Mário Wilson, para o Sporting em 1949, Matateu, para o Belenenses em 1951, Naldo e Coluna, ambos para o Benfica em 1954, e o principal deles, Eusébio, para o Benfica em 1960, portanto, não mais se limitando ao interesse dos colonos brancos e de integrantes da elite negra e mestiça no país.²¹ Da mesma forma, intensificaram-se as excursões de equipes portuguesas às colônias africanas, e as transmissões de rádio também colaboraram para uma difusão ainda maior das competições em Portugal, em que jogadores oriundos das colônias cada vez mais se destacavam.

¹⁷ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 5.

¹⁸ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 5.

¹⁹ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 5.

²⁰ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 12.

²¹ DOMINGOS. Desporto moderno e situações coloniais, p. 237.

Ponto alto foi a excursão do Benfica em julho de 1962 a Moçambique e Angola, após ter conquistado a Taça dos Campeões da Europa pela segunda vez.²²

Não obstante esse quadro, após a vitória na Guerra de Independência, em “25 de Junho de 1975”,²³ o novo regime político tomou medidas que visavam a reduzir a influência do futebol da ex-metrópole sobre o cenário esportivo moçambicano. Uma dessas medidas determinou que os principais clubes mudassem seus nomes. O Sporting de Lourenço Marques passou a se chamar Maxaquene, enquanto o Benfica de Lourenço Marques foi alterado para Costa do Sol, e a própria capital teria seu nome mudado para Maputo. Outra medida foi restringir a transferência de jogadores moçambicanos para o exterior, que seria revogada em 1987.²⁴

Todavia, conforme aponta Nuno Domingos, no período pós-Independência, embora tais medidas tenham sido levadas a cabo, a popularidade dos clubes portugueses não diminuiu: “A ‘memória social’ sobreviveu ao corte radical de alguns laços, à alteração de nomes, à quebra da circulação dos jogadores”.²⁵ E duas transmissões televisivas semanais garantem aos moçambicanos a possibilidade de acompanhar as competições futebolísticas de Portugal.

Por sua vez, há um ponto muito importante ressaltado por Nuno Domingos ao criticar a tese de que, nesse interesse de moçambicanos pelo futebol português refletir-se-ia uma nostalgia em relação ao passado colonial. Ao contrário, segundo o sociólogo, tratar-se-ia de algo que não, necessariamente, estivesse associado, nostalgicamente, ao passado colonial:

Se recordarmos que a herança educativa e cultural portuguesa em Moçambique foi caracterizada pela ineficácia e pelo desinteresse do poder colonial em democratizar a cultura, a língua e a educação é relevante que o futebol, à margem das políticas oficiais, continue a ser matéria de produção de laços entre Portugal e os países de língua oficial portuguesa. O futebol, traduzindo-se numa linguagem corporal identificada, servido por regras simples e partilhadas por todas as classes sociais, afirma-se como uma ‘linguagem franca’, cujos conteúdos, em Moçambique, remetem para uma mundividência portuguesa. Estes conteúdos servem, porém, a vida social moçambicana, os seus gestos e

²² DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 6.

²³ VISENTINI. *As revoluções africanas*, p. 91.

²⁴ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 7.

²⁵ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 7.

interacções quotidianas, razão pela qual participam de uma «memória social» solidificada, cujo significado é grandemente autónomo do passado colonial.²⁶

Portanto, por praticamente 100 anos, o futebol desenvolveu-se em Moçambique, a ponto de se tornar um esporte popular com o qual os moçambicanos se identificam. Independente de questões políticas, o futebol passou a fazer parte do lazer das camadas urbanas periféricas, seja na prática, seja na assistência. Nesse sentido, Nuno Domingos destaca o papel do futebol praticado em bairros de Lourenço Marques, para além de seu uso político pela administração colonial:

[...] Espaços primordiais de performance, os jogos de bairro estiveram na base do surgimento de uma narrativa do futebol local, constituída por relatos de gestos e movimentos extraordinários, pela celebração de heróis desportivos e pelo desenvolvimento de um estilo de jogo, cujo padrão, traduzido nos corpos e nos movimentos dos jogadores, dialogava com as condições de existência definidas pelo processo histórico colonial. [...].²⁷

A seguir, daremos início a análise dos textos que formam o corpus do presente estudo, tendo em mente a contextualização do futebol em Moçambique, apresentada nesta seção.

MIA COUTO E O FUTEBOL EM DOIS CONTOS DE *O FIO DAS MISSANGAS*

O livro *O fio das missangas* (2004), uma coletânea composta por vinte e nove contos, contém dois contos que abordam a temática do futebol: “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial” e “A carta de Ronaldinho”. Ambos foram estudados por Elizabeth da Silva Mendonça. Para a pesquisadora, Mia Couto propõe um projeto literário que “tenta escrever a moçambicanidade, ou seja, uma identidade para seu povo”,²⁸ no qual o futebol também desempenharia um papel significativo.

Ambos os contos se relacionam com o Mundial de 2002, disputado na Coreia e no Japão, e também com a seleção brasileira, que se tornaria campeã ao vencer a seleção da Alemanha, na partida final, em 30 de junho de 2002, pelo

²⁶ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 9-10.

²⁷ DOMINGOS. Desporto moderno e situações coloniais, p. 225.

²⁸ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 1.

placar de 2 a 0. Por assim dizer, Mia Couto se vale do fascínio exercido pelos mundiais de futebol como eventos midiáticos e espetacularizados por excelência para apresentar, segundo Mendonça,²⁹ “uma feroz crítica social”. Assim, aparentemente, o futebol seria meio para que, através da ficção, o escritor moçambicano pudesse apresentar, de maneira crítica, mazelas sociais de seu país, propondo, assim, “uma saída onírica para uma realidade em que quase tudo é privado aos personagens do conto, menos o direito de se imaginarem nos gramados do Mundial de 2002”.³⁰

O conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”, como o próprio título já permite antever, tem por personagem principal e narrador um mendigo, morador de rua, que, após ser espancado por policiais, busca atendimento em um hospital e conversa com o “doutor”, um interlocutor sem voz. O mendigo havia sido destrutado quando assistia a um jogo do Mundial pela TV, exibido em um aparelho televisor que estava exposto na vitrine da loja de um shopping. Assim, o passeio público diante da loja de televisores torna-se a sala de estar de Sexta-Feira e de outros mendigos, fascinados pelo futebol. O passeio público afigura-se a Sexta-Feira como um espaço em que ele pode se sentir pertencente ao grupo de mendigos, numa espécie de “comunidade imaginada”,³¹ como diria Benedict Anderson: “É ali no passeio que assisto futebol, ali alcanço ilusão de ter familiares. O passeio é um corredor da enfermaria. Todos nós, os indigentes ali alinhados, ganhamos um tecto nesse momento. Um tecto que nos cobre neste e noutros continentes”.³² Aliás, segundo Mendonça, o cenário construído no conto coloca Sexta-Feira e os outros mendigos diante de dois fatores que geram ilusão: o consumo e a mídia televisiva: “O mendigo encontra-se em frente a dois templos de ilusão, um está localizado dentro do outro: a televisão dentro do shopping”.³³

Entretanto, o jogo da bola, aos olhos de Sexta-Feira, permite reflexões sobre o jogo da vida: enquanto um lance faltoso e o contorcionismo, muitas vezes

²⁹ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 1.

³⁰ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 1.

³¹ ANDERSON. *Comunidades imaginadas*, p. 32.

³² COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 82.

³³ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 3.

simulado, do jogador de futebol recebem toda a atenção, suas dores e chagas cotidianas são invisíveis à sociedade:

[...] O que me inveja não são esses jovens, esses fintabolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exhibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras pára perante a dor falsa de um futebolista. As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino?³⁴

Por sua vez, as imagens do Mundial pela TV permitem ao mendigo dar asas a sua imaginação: “Quem disse que a televisão não fabrica as actuais magias?”.³⁵ Transportando a si, aos mendigos do passeio e ao doutor para o Mundial – numa autêntica transculturação para além das fronteiras do real e do imaginário –, Sexta-Feira imagina o mundo do futebol como reverso de sua dura realidade nas ruas da cidade:

O que eu vi num adocicar de visão foi isto, sem mais nem menos: eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial, formamos equipa com fardamento brilhoso. E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso. Eu sou o extremo esquerdo e vou dominando o esférico, que é um modo de dominar o mundo. Por trás, os aplausos da multidão. De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um cartão amarelo, brada o doutor. Porém, o defesa continua a agressão, cresce o protesto da multidão. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida.³⁶

Todavia, esse quadro imaginado por Sexta-Feira sofre um profundo revés, em que a aparente justiça se esvai e devolve a personagem à dura realidade:

Afinal, o vermelho é do cartão ou será do próprio sangue? Não há dúvida: necessito assistência, lesionado sem fingimento. Suspendessem o jogo, expulsassem o agressor das quatro linhas. Surpresa minha – o próprio árbitro é quem me passa a agredir. Nesse momento, me assalta a sensação de um despertar como se eu saísse da televisão para o passeio. Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam.³⁷

³⁴ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 82.

³⁵ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 84.

³⁶ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 84.

³⁷ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 84.

Não são bem “luzes do estádio” que se apagam, mas sim a imaginação em sua mente, frente à agressão à qual Sexta-Feira é submetido pelos agentes do Estado. Em sua interpretação, Mendonça considera que o “apagar das luzes” possa aludir à própria morte de Sexta-Feira: “O conto deixa, em seu desfecho, conforme exposto no trecho anteriormente citado, a interrogação sobre a possível morte do mendigo pela ação violenta da polícia. Tal morte poderia significar o fim do sonho ou da própria vida física”.³⁸

Em estado de indignação, o narrador-protagonista sente-se vivo quando procura uma das instituições do Estado, o hospital público, que deveria reparar-lhe os danos físicos causados por outra instituição, a polícia. E mesmo que o tratamento que lhe é dispensado no hospital deixe a desejar, Sexta-Feira considera que, só de estar ali, ele sairia de seu estado de indignação: “Mal atendido, quase sempre. Mas nessa infinita fila de espera, me vem a ilusão de me vizinhar do mundo”.³⁹

Por fim, um dos aspectos que nossa interpretação desse conto difere da interpretação proposta por Mendonça diz respeito ao futebol e sua popularidade em Moçambique: “O jogo de futebol trazido pelo colonizador europeu para Moçambique como uma condição civilizatória pode ser lido, no conto, como uma forma de o mendigo tentar integrar-se na sociedade ‘civilizada’, para a qual ele não existe”.⁴⁰ Ainda nesse sentido: “O jogo televisionado pode ser interpretado como um elemento entorpecedor e desviante do indivíduo da sua realidade cotidiana, aqui denunciado pela voz do mendigo que embarca nesse universo de sonhos virtuais”.⁴¹

Por um lado, mesmo que o futebol tenha chegado a Moçambique associado a empreendimentos civilizatórios colonialistas, conforme apresentado por Nuno Domingos, pelo menos desde a década de 1950, a história do futebol moçambicano demonstra que ele se tornou um esporte popular no país, que ainda possui laços com a antiga metrópole pela paixão que muitos torcedores nutrem pelos principais clubes portugueses, como apresentado anteriormente, paixão esta sedimentada também pelo êxito de jogadores moçambicanos, entre eles, Eusébio, Coluna e

³⁸ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 6.

³⁹ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 81.

⁴⁰ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 4.

⁴¹ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 4-5.

Matateu. Além disso, conforme argumenta a antropóloga Bea Vidacs em relação ao contexto africano, “[o]s usos ideológicos do esporte também podem ser observados além do contexto colonial. Governos pós-coloniais utilizaram o esporte tanto para o controle social como para promoção de sentimentos”.⁴²

Por outro lado, falar do futebol como “um elemento entorpecedor e desviante” nos parece uma retomada do já desgastado argumento do futebol como “ópio do povo”. Como nos lembra o antropólogo Roberto DaMatta, o futebol não tem em si um significado imanente e pode, desta forma, sofrer transformações em seu sentido, de acordo com os modos com que uma dada sociedade dele se apropria: o futebol é aquilo o que dele fazemos, pois, “como todas as atividades humanas, não teria uma essência que seria cheia ou vazia de consequências, mas dependeria da relação que estabelece com seus receptores num dado momento e numa dada sociedade”.⁴³ Portanto, o futebol é aquilo o que dele fazemos, não sendo, em essência, alienante.

Passemos, agora, à interpretação do segundo conto, “A carta de Ronaldinho”.⁴⁴ De certo modo, esse conto estabelece uma relação com o conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”. Para além do fato de terem sido publicados na mesma coletânea – *O fio das missangas* – e de se associarem ao Mundial de 2002 – aqui, o protagonista se chama Filipão Timóteo, numa alusão a Felipão (Luiz Felipe Scolari), treinador brasileiro que liderou a seleção pentacampeã e se tornaria o treinador da seleção portuguesa na Copa Europa de 2004, e que teve em sua equipe uma das estrelas do Mundial, Ronaldinho Gaúcho, craque que atuava no Barcelona –, ambos possuem a imaginação como um fator preponderante, e em ambos a televisão possui o seu poder – o aparelho televisor na loja localizada no Dubai Shopping; o aparelho televisor imaginário que Filipão Timóteo risca com carvão em forma de tela de TV na parede do bar da Munhava.⁴⁵

Se Sexta-Feira, ao assistir às imagens do Mundial através da TV, juntamente com seus irmãos de infortúnio, se imaginava jogando o torneiro, no conto “A carta

⁴² VIDACS. O esporte e os estudos africanos, p. 48.

⁴³ DaMATTA. Os milagres do futebol, p. 88-9.

⁴⁴ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 99-102.

⁴⁵ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 100.

de Ronaldinho”, a imaginação de Filipão Timóteo vai além, imagina e transforma em imagem o próprio aparelho:

As pessoas sabiam: não havia televisor. O bar era pobre e, para além do balcão, não sobrava apetrecho. O que havia na parede era um desenho de um ecrã rabiscado a carvão. Filipão desenhara o televisor com detalhe de engenheiro. E ali estavam compostos com perfeição os botões, a antena, os fios. Pobre não festeja por causa da alegria. A alegria é que se instala, convidada, e faz a festa ter casa e causa.⁴⁶

Como Mendonça bem aponta, os protagonistas “acabam se tornando participantes ativos desse mundo onírico, para o qual escapam, fugindo de uma realidade de solidão e miséria”.⁴⁷ Mais uma vez, o jogo de futebol aparece como metáfora para o jogo da vida: enquanto Sexta-Feira percebe a lesão de um jogador de futebol como um elo com suas lesões e a dos demais mendigos, Filipão Timóteo, idoso aposentado, encara a vida como o próprio jogo, que pode ser prolongada:

Uns aprendem a andar. Outros aprendem a cair. Conforme o chão de um é feito para o futuro e o de outro é rabiscado para sobrevivência. Filipão Timóteo pisava ou era pisado pelo chão? O mundo do velho já semelhava a um relvado de futebol: ali ele fintava o tempo, esticando a partida com a vida para período de compensação.⁴⁸

Entretanto, aos olhos de outros moradores da Munhava, bairro da Beira, cidade natal de Mia Couto, o velho Filipão Timóteo estava senil, imaginando-se treinador de futebol, comemorando “goolooos” aos gritos e convidando os transeuntes a entrarem no bar e a desfrutarem das imagens do jogo que iria começar, através do aparelho imaginário desenhado na parede:

Depois, já deitadas as instruções, o velho vinha à porta da taberna e gritava para o exterior:
— *Já começou!*
E se adentrava para assistir a mais um desses jogos que só ele testemunhava na sua imaginação.⁴⁹

Por fim, seus filhos vieram buscá-lo, para levá-lo para outra cidade. Todavia, Filipão se recusa a ir, apegado a seu bar, aos jogos do Mundial vistos através do

⁴⁶ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 100.

⁴⁷ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 6.

⁴⁸ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 100.

⁴⁹ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 100. (grifo no original).

televisor imaginário riscado na parede, e à sua atividade de treinador. Assim, os filhos bolam uma estratégia para iludir o pai, que vivia no mundo da fantasia, a não resistir e a seguirem com eles:

[...] Um dia, o filho mais novo trouxe uma carta. Era um papel sério, com carimbo e redigido em máquina.

— *O que é isso?*

— *Isso é para o senhor, meu pai.*

— *Não sabe que eu não leio letras?*

O filho ajustou os óculos e leu em voz alta. Era uma convocatória da Federação Nacional de Futebol. Congratulando-o pelo seu contributo para o desporto e pelos galardões alcançados pela selecção. Chamavam-no para ir para a capital. Para descansar junto da família.

— *Essa carta é falsa!*

— *Como falsa?! Tem carimbo, tem assinatura, tem tudo.*⁵⁰

Todavia, para surpresa do filho mais novo – e também do leitor, Filipão Timóteo contrapõe a suposta carta da federação moçambicana a outra, recebida de um ilustre jogador brasileiro:

— *Veja esta outra carta!*

E o pai estendeu um envelope ao filho. Tinha selo do Brasil e estava assim endereçada: Senhor Filipão Timóteo, Bar da Munhava. Assim, sem emenda nem gatafunho. Em baixo, a assinatura bem desenhada: Ronaldinho Gaúcho. O moço foi saindo, sem fôlego para palavra. A voz do pai o fez parar.⁵¹

Assim, Filipão Timóteo desmascara a falsidade da carta trazida pelo filho mais novo, apresentando a suposta carta de Ronaldinho Gaúcho. Ao propor uma lógica interpretativa dessa passagem do conto, Mendonça não associa a autoria da carta de Ronaldinho ao próprio idoso, mas sim a alguém que, no intuito de caçar dele, a teria escrito e lhe enviado:

Podemos compreender que a carta fora dada ao velho por alguém que desejava trocar de sua insanidade, mas ele, de maneira astuta, consegue usá-la para continuar na sua vida imaginária, dado que sua ida com os filhos para a capital representaria, talvez, a sua internação em um hospício e, até mesmo, a morte provocada pela solidão.⁵²

⁵⁰ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 101. (grifos no original).

⁵¹ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 101.

⁵² MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 9.

Todavia, não obstante todo o mundo fantasioso em que Filipão vive enredado, parece que temos uma falsidade respondendo à outra. Isso, aliás, soa plausível, se considerarmos a epígrafe do conto: “O problema não é ser mentira. É ser mentira desqualificada’ (Provérbio da Munhava)”.⁵³ Como bem ressalta Mendonça, a mentira do filho de Filipão seria uma “mentira desqualificada”: “Preocupados com o olhar dos outros, conforme explicita o diálogo extraído do conto: [...] a mentira que inventam acaba sendo desqualificada. Dessa forma, o provérbio é retomado: [...]”.⁵⁴ Mas, de acordo com nossa interpretação, cabe destacar também que, na sabedoria da Munhava, mais vale uma mentira bem construída, do que uma desmascarada. Assim, toda a fantasia de Filipão, ao final, surge como uma grande mentira, porém, legítima. Para si, viver na fantasia é sobreviver. E o protagonista não se faz de rogado ao proferir as seguintes frases ao final do conto:

— *E já agora, meu filho...*
 — *Sim?* – o filho perguntou, sem se virar.
 — *Você pode-me trazer lá da cidade um pauzinho de giz que é para eu desenhar um televisor novinho?*⁵⁵

Sendo assim, ao final, ocorre o triunfo do pai sobre o filho, o triunfo da sabedoria da Munhava, o triunfo da fantasia de ser Filipão Timóteo, que deseja “desenhar um televisor novinho”.

MIA COUTO, UMA CRÔNICA DE FUTEBOL E UMA ENTREVISTA SOBRE O BRASIL

Nesta seção, versaremos sobre uma crônica de futebol, de Mia Couto, “O dia em que fuzilaram o guarda-redes de minha equipa”, publicada no livro *Cronicando* (1991), e sobre uma entrevista concedida pelo escritor moçambicano à revista *Época* em abril de 2014: “Mia Couto: o Brasil nos enganou”.

Iniciemos pela crônica “O dia em que fuzilaram o guarda-redes de minha equipa”. De início, numa distinção entre um “nós” e “os outros”, Mia Couto se recorda da infância passada na cidade da Beira, onde nascera em 05 de julho de

⁵³ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 99.

⁵⁴ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 10.

⁵⁵ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 102. (grifos no original).

1955: “Nós éramos os do muro, sentadiços. Os outros corriam os futebóis, dispensavam suores”.⁵⁶ Ao invés de jogarem futebol como os demais meninos, os “do muro” preferiam jogar “matraquilhos”, nome dado em Moçambique ao futebol de mesa conhecido no Brasil, entre outras designações, como “pebolim” ou “totó”:

Nosso futebol era ali, na mesa de matraquilhos do Bar Viriato. A mesa de jogo dormia fora do bar, ao dispor do luar que tombava no pátio. Era tão pesada que nenhum ladrão punha nela sua cobiça. Os roubadores daqueles tempos tinham dedos tremedrosos, eram gente de pequeno empreendimento.⁵⁷

Por sua vez, as disputas na mesa de matraquilhos já despertavam no jovem Mia as fantasias do grande futebol: “Naquele pátio do Bairro Matacuane ficava o estádio do nosso encantamento. Era ali que vibravam as nossas multidões quando a pequena bola de madeira escorrecaía no buraco da baliza”.⁵⁸

Entretanto, não obstante representar um espaço de integração entre os garotos, o Bar Viriato era frequentado também por soldados, revelando o contexto da guerra de Independência:

Mas nós, sem idade e com as raças todas à mistura, só podíamos frequentar o imaginário relvado no intervalo dos outros. A mesa de matraquilhos era nossa só quase às vezes. No resto, pertencia aos tropas, soldados que abundavam por aqueles lados. O Viriato ficava na fronteira dos mundos, subúrbio dos subúrbios.⁵⁹

Tempos difíceis, de poucos recursos, Mia Couto e seu amigo Nandito tinham de conseguir dinheiro para poderem comprar as fichas e jogar matraquilhos:

Mas a brincadeira dos matraquilhos custava cada vez mais preço. A moeda roubávamos lá em casa descartando eu de meu pai e Nandito não se sabe de onde. A moedinha abria o momento mágico. A gente metia na ranhura e a máquina expedia suas nove bolinhas, já tão gastas que coxeavam em cada volta de seus épicos percursos.⁶⁰

Cabe ressaltar que essa fascinação provém de uma das três propriedades do ser humano, apontadas por Johan Huizinga: a do raciocínio (o Homo Sapiens), a da

⁵⁶ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 47.

⁵⁷ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 47.

⁵⁸ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 47.

⁵⁹ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 47-8.

⁶⁰ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 48.

engenhosidade prática (o Homo Faber), e a da ludicidade (o Homo Ludens).⁶¹ O jogo em geral seria a concretização da ludicidade na sociedade. Podemos encontrar, por exemplo, jogos que simulam outros jogos, ou seja, são seus simulacros. Como uma das modalidades esportivas mais difundidas no planeta, ao longo do século XX, o futebol inspirou uma série de jogos enquanto simulacros, os quais continham especificidades materiais e regras próprias.⁶² O matraquilhos é um desses simulacros.

Todavia, o inusitado na crônica de Mia Couto ainda estava por vir:

Foi quando se deram os casos chamados para esta estória. Primeiro acharam graça: apareceu um dos bonequinhos pintado de preto. O avançado do centro da minha equipa tinha mudado de raça, da noite para a madrugada. Os soldados portugueses, quando chegaram, fizeram riso e alcunharam o novo matraquilho de Eusébio.

Depois, apareceram mais três avançados, subitamente transcoloridos. Ainda encontraram piada, anedotaram. Distribuíram mais nomes: Coluna, Vicente, Matateu. Só o dono do bar é que ventilou ameaças: se descobro o sacana do pintor, ai de quem!⁶³

Assim, a mesa de matraquilhos, de certo modo, com seus bonequinhos expressando os colonizadores, foi se transculturando por intervenção desconhecida. E, como numa via de mão dupla, os soldados portugueses lhes foram atribuindo os nomes dos grandes craques moçambicanos das décadas de 1950 e 1960, que envergariam também a camisa da seleção de Portugal. Porém, as transformações na mesa de matraquilhos não parariam por aí:

Um dia a mesa amanheceu com todos os jogadores de raça negra. No bar Viriato, bem luso de seu nome e propriedade, figuravam os matraquilhos mais africanos do mundo. Eu e Nandito apresentámo-nos bem cedinho, madrugada recém-estreada. Não tocávamos no jogo, ficamos espectadores. Olhávamos as gotinhas de cacimbo, rebrilhando nas botas dos bonequinhos.⁶⁴

Dessa forma, a representatividade de uma África negra chegava à mesa de matraquilhos, antes branca da colonização. Porém, ao contrário do modo como os soldados portugueses reagiram, inicialmente, ao verem alguns bonequinhos

⁶¹ HUIZINGA. *Homo Ludens*, p. 3.

⁶² CORNELSEN. O futebol e seus simulacros no reino da ludicidade – Subbuteo, s/p.

⁶³ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 48.

⁶⁴ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 48-9.

pintados de preto, associando-os aos jogadores moçambicanos que haviam se transferido para clubes portugueses, como o Benfica, e que também envergavam a camisa da seleção de Portugal, com a nova conformação da mesa, com todos os bonequinhos pintados de preto, a reação foi totalmente outra:

Até que surgiram os tropas, barulhosos, donos, chegaram-se aos matraquilhos e trocaram suas admirações. Dessa vez, ninguém riu. Ao inverso, havia uma raiva partilhada que multicrescia. De repente, um dos soldados se deu de berrar salivando raivas. Os outros tentavam de acalmar-lhe as fúrias. Mas nada, o homem se atestara de ódios. Súbito, retirou do cinto uma pistola e em volta fechou-se o silêncio, solene.⁶⁵

Assim, o contexto da guerra – da “Guerra Colonial”, na perspectiva portuguesa, fora transposto para a mesa de matraquilhos. Esquecidos os ídolos moçambicanos do futebol, um dos soldados reagiu com raiva e violência:

Viriato, era o *saloon*. E aquele soldado acenando a pistola era o Clint Eastwood, o Rambo dos tempos. Quem sabe foi por causa desse estado de maravilhação que o Nandito não ouviu gritarem quando o soldado louco apontou sobre o guarda-redes da minha equipa. O tiro soou e o pequeno boneco esvoou, salpicando estilhaços, mais súbitos que o sangue.⁶⁶

Ao final da crônica, permanece a lembrança do ocorrido: “Ainda hoje aquele tiro continua ressoando em minha vida, junto com esse outro grito que, por engano e um relâmpago, me pareceu sair do bonequinho alvejado”.⁶⁷ Se, por um lado, o futebol surge na crônica como sendo um fator integrativo que pode colaborar para o respeito à diferença, por outro, a intolerância e a beligerância em tempos de guerra e de colonização acabam falando mais alto.

Por fim, como último texto a se analisar neste breve estudo, em entrevista concedida a Luís Antônio Giron e publicada na revista *Época* em 25 de abril de 2014, menos de dois meses antes do início da Copa do Mundo disputada no Brasil, Mia Couto falou, entre outros assuntos, sobre futebol e carnaval, dois patrimônios culturais brasileiros. Uma das questões formuladas ao escritor pelo jornalista foi a seguinte: “O Brasil foi um modelo para os países luso-africanos. Ele continua a ser

⁶⁵ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 49.

⁶⁶ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 49.

⁶⁷ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 49.

inspirador?” Em sua resposta, Mia Couto apresenta uma visão crítica sobre a sociedade brasileira:

O Brasil foi um modelo pela via da mistificação. O Brasil nos enganou. Recordo-me quando os primeiros jogadores de futebol negros brasileiros se impuseram ao mundo. Nós, na África, vimos aquilo como nosso futuro, a realização de um sonho: Pelé, Garrincha. Mas não era claro para todos que aquilo era a parte visível de um mundo extremamente racista. A celebração da alegria do Carnaval, a celebração do corpo negro como paradigma da beleza, foi sempre valorizada por nós. Mas víamos um Brasil que não existia. Isso se mantém até hoje. Porque vemos o Brasil com o orgulho de quem vê um membro de nossa família estar à frente, como uma das potências econômicas mundiais. Mas não percebemos as contradições internas que esse sistema tem. Todos precisamos ter um parente rico.⁶⁸

Essa passagem da entrevista revela um modo de olhar para si (“Nós, na África”) e para o outro (o Brasil, seus craques de futebol e seu Carnaval). Não obstante a identificação histórica, linguística e cultural, aos olhos de Mia Couto, as imagens recepcionadas na África, no passado e em dias atuais, não dão a dimensão de “um mundo extremamente racista” de “um Brasil que não existia”.⁶⁹ Assim, o escritor moçambicano toca num tema central: “não percebemos as contradições internas que esse sistema tem”.⁷⁰

Cabe destacar também que, numa perspectiva transcultural, que envolve também questões identitárias, segundo Mia Couto, a ascensão brasileira à potência futebolística mundial, com jogadores como Garrincha e Pelé, fez com que similaridades entre a cultura brasileira e a cultura moçambicana fossem evocadas: “vimos aquilo como nosso futuro, a realização de um sonho”.⁷¹ Entretanto, um conhecimento maior da sociedade brasileira faria com que esse modelo e essa crença no futuro se esvaíssem: “a falsificação que criamos em torno do Brasil era uma forma positiva de pensar um modelo do que poderíamos ser”.⁷² Portanto, como meio de transformação para além das fronteiras geopolíticas, tal modelo não se efetivou.

⁶⁸ GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

⁶⁹ GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

⁷⁰ GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

⁷¹ GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

⁷² GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

FUTEBOL E TRANSCULTURAÇÃO EM MIA COUTO: A GUIA DE CONCLUSÃO

A crônica, a entrevista e os contos de futebol de Mia Couto, analisados no âmbito deste estudo, nos permitem afirmar que a imagem do futebol, neles veiculada, apresenta traços de transculturação. Escritos em três momentos distintos – 1991, 2002 e, respectivamente, 2014 – tais textos nos permitiram vislumbrar o modo como o escritor moçambicano mobiliza o tema do futebol, seja para revesti-lo de um tom memorialista que remonta ao período da guerra de Independência, seja para situá-lo na era da franca globalização midiática e econômica, em que o futebol se tornou mais uma mercadoria na prateleira do capitalismo, seja para refletir sobre o racismo estrutural brasileiro em um momento crítico do país no contexto da Copa do Mundo de 2014, momento este que só se agravou e culminou com a crise aguda que o outrora “país do futebol”, como rotulou Nelson Rodrigues em meados da década de 1970, a “pátria em chuteiras”⁷³ (sobre)vive na atualidade.

Na entrevista concedida ao repórter da revista *Época*, percebemos que a visão de Mia Couto frente às duas principais manifestações culturais brasileiras – o futebol e o carnaval – se pauta por um movimento de admiração e, ao mesmo tempo, de decepção, gerando, assim, uma crítica incisiva à sociedade, que ainda guarda ranços de racismo e de desigualdade social, e cujas manifestações culturais acabariam por perder seu caráter modelar. Fundamental para se pensar, aqui, na transculturação, é justamente o movimento empreendido pelo escritor ao pensar as realidades brasileira e moçambicana, elegendo, para isso, as manifestações culturais que as aproximam.

Por sua vez, a crônica acerca do jogo de matraquilhos, da infância de Mia Couto, com elementos ficcionalizantes que se assemelham aos traços de um conto, também possibilitou uma reflexão semelhante sobre questões que envolvem colonialismo e racismo, que acabam por atingir também o âmbito do futebol, mesmo que este se apresente, em geral, como um âmbito que promove a superação de fronteiras e o rompimento de barreiras das mais variadas ordens. Aqui, podemos retomar as noções de “memória colonial” e de “popularização segregada”

⁷³ RODRIGUES. A pátria em chuteiras, p. 179.

do futebol, apontadas por Nuno Domingos,⁷⁴ e seus reflexos no período em que Moçambique esteve sob o jugo do colonialismo português e da guerra.

No caso específico dos dois contos analisados, o aspecto mais evidente da transculturação para além das fronteiras parece-nos ser a influência midiática do futebol espetacularizado. Tanto para Sexta-Feira quanto para Filipão Timóteo, guardadas as devidas proporções, tal influência se faz presente. Nesse sentido, de uma perspectiva antropológica voltada para o contexto africano, Bea Vidacs traça a seguinte conjectura, que consideramos apropriada para se pensar essa imagem do futebol como apresentada nos dois contos:

[...] Uma parte igualmente importante dessa padronização é a globalização que se dá pela cobertura televisiva, que expõe o público africano, assim como os esportistas africanos atuais e futuros, aos padrões, normas e estilos de jogo globais. O alcance que tal fenômeno deixa para a inovação cultural está aberto a debate [...].⁷⁵

Tal exposição do mendigo Sexta-Feira e do idoso aposentado Filipão Timóteo a imagens potencializadas da Copa do Mundo de 2002, presentes em seus delírios, do jogo imaginário e, respectivamente, do aparelho televisivo imaginário, o que Mendonça⁷⁶ designa acertadamente de “dupla ficção”, para além da tese da alienação, reflete a força que o futebol globalizado e espetacularizado possui no contexto moçambicano, não como uma via de mão única, mas também como modo próprio de expressão, em que, como certa vez afirmou Mia Couto, “o outro também está dentro de nós”.⁷⁷

* * *

⁷⁴ DOMINGOS. Desporto moderno e situações coloniais, p. 220.

⁷⁵ VIDACS. O esporte e os estudos africanos, p. 51.

⁷⁶ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 8.

⁷⁷ D'ÂNGELO; FUHRMANN. “O outro também está dentro de nós”, afirma o escritor Mia Couto, s/p.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- CALDEIRA, Renato. **Maria de Lurdes Mutola**. Maputo: Plural Editores, 2015.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. O futebol e seus simulacros no reino da ludicidade – Subbuteo. **História(s) do Sport** (blog), 18 dez. 2018.
- COUTO, Mia. A carta de Ronaldinho. In: COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 99-102.
- COUTO, Mia. Fintado por um verso. In: _____. **Pensageiro frequente**. Lisboa: Ed. Caminho, 2010, p. 12-3.
- COUTO, Mia. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa. In: _____. **Cronicando**. Lisboa: Ed. Caminho, 1991, p. 47-9.
- COUTO, Mia. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial. In: _____. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 81-4.
- D'ÂNGELO, Helô; FUHRMANN, Leonardo. “O outro também está dentro de nós”, afirma o escritor Mia Couto (entrevista). **Revista Fórum**, 19 nov. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3bTrGly>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- DaMATTA, Roberto. Os milagres do futebol. In: _____. **Explorações**: ensaios de sociologia interpretativa. 2. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 87-93.
- DOMINGOS, Nuno. Desporto moderno e situações coloniais: o caso do futebol em Lourenço Marques. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto. (Orgs.). **Mais do que um jogo**: o esporte e o continente africano. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 211-42.
- DOMINGOS, Nuno. **Futebol e colonialismo**: corpo e cultura popular em Moçambique. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2012.
- DOMINGOS, Nuno. O campo de desportivização imperial português. In: NASCIMENTO, Augusto; BITTENCOURT, Marcelo; DOMINGOS, Nuno; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **Esporte e lazer na África**: novos olhares. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 81-107.
- DOMINGOS, Nuno. O futebol português em Moçambique como memória social. **Cadernos de Estudos Africanos**, v. 9/10, p. 1-14, 2006.
- GIRON, Luis Antônio. Mia Couto: o Brasil nos enganou (entrevista). **Época**. 25 abr. 2014. Disponível em: <https://glo.bo/3F1tEwJ>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 6. ed., São Paulo: Perspectiva, 2010.
- IANNI, Octávio. Globalização e transculturação. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 139-70, 1996.
- MENDONÇA, Elizabeth da Silva. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto. **Anais do SILEL – Simpósio Internacional de Linguística e Literatura**, v. 2, n. 2, Uberlândia, EDUFU, p. 1-11, 2011.

ROCHA, Aurélio. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique: uma abordagem perspectiva. In: NASCIMENTO, Augusto; BITTENCOURT, Marcelo; DOMINGOS, Nuno; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **Esporte e lazer na África: novos olhares**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 213-40.

RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras (*O Globo*, 02 jun. 1976). In: _____. **A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol**. Organização e seleção Ruy Castro: São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 179-81.

VIDACS, Bea. O esporte e os estudos africanos. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto. (Orgs.). **Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 37-69.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2012. [revoluções do século XX].

* * *

Recebido para publicação em: 14 abr. 2020.
Aprovado em: 17 jun. 2021.